

figuras são sistematicamente enquadradas topográfica e historicamente. Além disso, o autor usa de outros recursos da técnica exegética, mantendo sempre, contudo, uma linguagem simples e cordial. Cada texto é breve, não ocupando mais que uma a duas páginas do livro.

RAUL AMADO

MARTINI, Carlo M., e SPORSCHILL, Georg, **Coloquios nocturnos en Jerusalén**, col. «Caminos» 28, San Pablo (e-mail: ventas@sanpablo.es), Madrid, 2008 (2ª ed.), 194 p., 210 x 135, cartonado, ISBN 978-84-285-3383-6.

Este livro tem feito sucesso, valeu comentários na comunicação social e, em poucos meses, já vai na 2ª edição. Será talvez um best-seller. Isso se explica antes de mais pelos autores: o Cardeal Martini e «o austríaco do ano» em 2004 e Prémio Albert Schweitzer, G. Sporschill. Os dois são jesuítas e passaram, em Jerusalém (onde, como se sabe, vive o Arcebispo Emérito de Milão), longas horas em diálogo pela noite dentro sobre a Igreja do futuro.

O Cardeal Martini é um homem de ciência (bíblica e teológica), de experiência pastoral e de muita sabedoria. O p. Sporschill trabalha com crianças da rua e jovens desamparados. São sobretudo as questões que emergem exactamente dos jovens a respeito da Igreja que inspiram e suscitam as questões deste longo diálogo. E que orientam as respostas no sentido da procura de aberturas para uma Igreja do futuro que seja, como se exprime Sporschill, «uma Igreja audaz e credível». Tudo numa conversa nocturna, simbolicamente a sugerir a situação presente da Igreja que, na incerteza dos tempos espera ver raiar tempos melhores.

RAUL AMADO

## RELIGIÃO / CRISTIANISMO

POULAT, Émile, **France chrétienne, France laïque. Ce qui meurt et ce qui naît. Entretiens avec Danièle Masson**, Desclée de Brouwer, Paris, 2008, 286 p., 210 x 140, ISBN 978-2-220-06012-5.

Émile Poulat, autor de numerosas obras de títulos e conteúdos bem significativos, como, p. ex., *L'ère postchrétienne* (1994) ou *Où va le christianisme?* (1996), é um sociólogo e historiador que gosta de explorar um tipo de história que ele próprio designa como «a história dolorosa da Igreja» (vd. p. 105 deste livro), isto é, a história dos problemas e oposições que ela encontra, com relevo para «a oposição fundadora face à sociedade moderna» (ibid.). «Católico laico», quer dizer, que vê as coisas e as vive do lado da sociedade laicizada, muito ligado à Comunidade de Santo Egídio, de Roma. Por seu lado, Danièle Masson é uma católica de sensibilidade tradicional, que neste livro, feito em modo de conversa a dois, lhe coloca múltiplas questões respeitantes à evolução e à condição do cristianismo em França desde as Luzes e a Revolução Francesa, passando pela crise modernista e pelo Vaticano II. Ressalta no diálogo o choque entre laicismo e cristianismo, com esforço por ultrapassar ideias feitas e abrir perspectivas novas.

Ao longo das suas páginas, sempre em modo de pontos de vista de um e do outro lado, são abordados temas como: modernidade e modernismo; liberdade, liberalismo e liberdade religiosa; «agonia» do cristianismo (no sentido grego usado por M. de Unamuno, igual a combate ou drama), era pós-cristã e a questão sobre sim ou não a falência da modernidade; o cristianismo no contexto da laicidade como no interior